



Exposição

Cor : corpos e tempos

Rosangela Britto

ELF Galeria

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Emmanuel Zagury Tourinho (Reitor)

Gilmar Pereira da Silva (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Maria Iracilda da Cunha Sampaio (Pró-Reitora)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Ana Margarida Lins Leal da Camargo (Diretora-Geral)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)

José Denis de Oliveira Bezerra (Coordenador)

Alexandre Romariz Sequeira (Vice-Coodenador)

EDITORA PPGARTES*

Maria dos Remédios de Brito

Ana Cláudia do Amaral Leão

(Coordenadoras)

Larissa Lima da Silva (Assistente Editorial)

COMITÊ EDITORIAL

Prof^a. Dr^a. Maria dos Remédios de Brito (Presidente)

Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia do Amaral Leão

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Ana Flávia Mendes Sapucaí

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa

(ECA, Universidade de São Paulo; Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Giselle Guilhon Antunes Camargo

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva

(FBA, Universidade do Porto)

Prof^a. Dr^a. Laura Malosetti Costa

(IA, Universidad Nacional San Martin)

Prof^a. Dr^a. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral

(CAC, Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Rejane Coutinho

(IA, Universidade Estadual Paulista)

Prof^a. Dr^a. Valzeli Figueira Sampaio

(ICA, Universidade Federal do Pará)

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO:

Edição

Rosangela Britto

Textos

Marisa Mokarzel, Heldilene Reale,

Rosangela Britto, Afonso Medeiros,

Tadeu Lobato

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Ramiro Quaresma

Fotografia

Octávio Cardoso

Revisão Textual

Iraneide Silva

Ficha Catalográfica

Larissa Silva

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

Exposição

Cor : corpos e tempos

Rosangela Britto

Período de exibição

20 de março a 29 de abril de 2023

ELF Galeria

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA**

B862c Britto, Rosangela.

Cor [recurso eletrônico] : corpos e tempos / Rosangela Britto. -- Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes / UFPA, 2023. — Dados eletrônicos (1 arquivo: PDF).

Catálogo da exposição “Cor: corpos e tempos” realizada na ELF Galeria, entre 20 de março e 29 de abril de 2023, em Belém do Pará.

Inclui o episódio Rastros de cor em Rosangela Britto, da Websérie Pelo Olhar Delas de Heldilene Reale. O vídeo exibe o processo de criação da autora, apresentando um recorte de sua produção e trajetória enquanto artista.

Modo de acesso: Internet

<http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/> (catálogo)

<https://www.youtube.com/watch?v=xBZBx5p6Kkc> (vídeo)

ISBN 978-65-88455-56-2

1. Arte – Exposições. 2. Pintura brasileira. 3. Pintura da figura humana.
I. Título.

CDD 23. ed. – 707.4

Cor : corpos e tempos

Substantivo de dois gêneros, a palavra cor está presente no vermelho, na complementar verde e, também, no preto, identificado como inexistência de cor ou luz. Pode ser adjetivada como cor pastel, como cor fria, quente e até neutra. Na trajetória de Rosangela Britto, no mesmo momento em que é singular, a cor se personifica na pluralidade, na diversidade de corpos e tempos. Pintora-arquiteta, pintora-antropóloga, pintora-educadora, pintora-pesquisadora, pintora-museóloga, onde se esconde ou se revela a artista? Não importam as lacunas de tempo, os inúmeros papéis interpretados, jamais a pintora deixou de existir. Incessantemente incorporou palavras compostas, sem seguir regras gramaticais. Estava sempre ali, mesmo que o gesto represso ocupasse refúgios nas tramas mais íntimas.

A Elf, galeria que passa a integrar a história da arte que se constitui no começo dos anos 1980, em Belém, abriga a nova individual de Rosangela Britto. A narrativa da própria artista e da galeria se entrecruzam. Neste espaço expositivo de 2023 não há a intenção de realizar uma retrospectiva, nem de apresentar somente obras inéditas. Estão presentes pinturas e desenhos que, com pequenas pontuações de distintos tempos, permitem olhar brechas, interligar passado-presente, observar diferentes caminhos, não retilíneos. São pontos que brilham revelando uma história pessoal e artística.

Rosangela se identifica como da Geração Coca-Cola – traz a inquietude da voz de Renato Russo, emerge e transita livremente em uma década em que o rock brasileiro predomina, a pintura festeja o seu retorno, a esperança abarca sonhos democráticos e guia-se pelo refrão “Diretas Já!”. Em um mesmo tempo histórico, a Galeria Elf vai se firmando como um ponto de encontro de artistas e daqueles que gostam de arte, regada a papos intermináveis, em que o prazer de ver se confunde com o prazer da amizade pelo galerista Gileno Chaves. Nesse espaço peculiar despontam colecionadores de arte contaminados pelo olhar e por essas conversas tão esperadas em cada vernissage.

No início da década de 1980 Rosangela Britto participa do 1º ENAP - Exposição dos Novos em Artes Plásticas, na Galeria Um, espaço cultural que frequentava e onde estabeleceu férteis trocas com outros artistas. Todavia, aconteceria na Elf o maior número de exposições individuais, desde a primeira, em 1987, até as realizadas nos três anos iniciais da década de 1990. E seria de Gileno Chaves o texto de apresentação de Animais Amestrados, outra individual realizada em 1989, na Galeria Theodoro Braga. No texto, Gileno analisa as obras como se estivesse em frente a uma peça teatral dirigida por Rosangela e comenta: “[...] o cenário é simples, despojado, construído com espessas camadas de tintas aplicadas com espátulas ou pincéis grossos, em movimentos rápidos e violentos”.

A partir da segunda metade dos anos 1980 é que a dramaticidade da cena se intensifica, a ritualização tensa e onírica da vida expande-se, a cor habita os corpos estranhos de um cotidiano familiar, revisto e retratado nos álbuns de família. O ato pictórico transferido para a tela encontra-se envolto em uma atitude cáustica e crítica diante de uma sociedade hipócrita, que muitas vezes se refugia em instituições seculares como o casamento. As noivas e travestis são temas presentes nessa fase, marcada por importantes premiações, duas acontecidas em 1988: O Prêmio Revelação Aquisição recebido no Arte Pará e o Prêmio de Viagem ao Exterior, obtido com o primeiro lugar na Curitiba Arte – 4, ocorrido na capital paranaense. Antes, em 1986, ganhara o Prêmio Viagem ao País, concedido pelo Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, Santos-SP.

A teatralização, trazida da convivência com o irmão, Paulo Santana, funciona muitas vezes como cenas que trazem um teor fílmico, transformando o estático em movimento. Cores soturnas formam ambientes azuis, misturados ao roxo, lilás, lançados pela visceral gestualidade. Em alguns momentos Ensor visita a pintura da artista, transita de uma década a outra. No começo dos anos 1990 o quadro amplia suas dimensões, as estranhas mulheres, de imensas garras, ganham força, assim como o lilás. Nessa ocasião, Rosangela Britto tem maior domínio da pintura e do espaço pictórico, as experimentações ficam mais evidentes nas colagens com tecidos, assemblagens com diversos materiais.

No entanto, esse mesmo início dos anos 1990, também demarca o início de um extenso hiato. A artista retida no tempo transfere-se, com mais intensidade, para outras personagens, comprometidas com a academia e com o gerenciamento de museus, papel que a conduzirá, em 1998, à direção do Sistema Integrado de Museus e Memoriais do Estado do Pará – ano em que conclui o seu Mestrado em Educação e Gestão Educacional, com orientação de Lucimar Bello. A defesa acontece no Espaço da Memória da Universidade da Amazônia (UNAMA), onde se encontrava instalada Colagens & Cartografias de Vivências, resultado da dissertação e uma espécie de ensaio expositivo que rompe com a epiderme e deixa escapar a artista confinada em seu próprio corpo.

O confinamento prolongado se esgarça pouco a pouco e em espiral caminha para o epicentro no qual se comprimem e se expandem desejos e incertezas. Identidades que se camuflam, perdem-se no espelho. Em 2016, a exposição coletiva Paisagens de Lance, que acontece na Casa das Onze Janelas, traz a tímida artista, atuando numa visualidade permeada por campos etnográficos. Paisagem e personagens, percebidos e expressos em traços vigorosos e vacilantes, estão presentes na série Praça da Sé. São estudos do cotidiano de vendedores que se situam na vizinhança de museus e igrejas da praça.

A convite de Heldilene Reale, no ano seguinte, em 2017, Rosangela participa da coletiva A Pintura Vai Bem Obrigada, com curadoria de Armando Sobral. Os vestígios da experiência que constitui a série Praça da Sé têm continuidade. Desta vez, rompe-se a timidez da artista, o campo de princípios etnográficos não deixa de existir, mas o que prevalece é o vigor da pincelada, a força matriz de uma potente pintora. Os retratos de Sr. Lili, apesar dos pequenos formatos, imbuem-se de uma intensa energia, viabilizada pelas camadas da acrílica superposta nos diferentes tons de azul nas peles matizadas de vermelhos e amarelos.

Percebe-se que, de fato, os intervalos de tempo haviam diminuído, o espaçamento entre uma exposição e outra se sucedia com mais fluidez. Em 2019, Rosangela Britto retoma a participação em um salão tradicional da cidade: o Arte Pará. Mas não mais como artista selecionada e sim como convidada. Integra a curadoria de Nina Matos na mostra que ocorre no Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA) e participa da curadoria de Orlando Maneschy, que acontece no Museu do Estado do Pará. Em ambas estão presentes obras significativas da década de 1980, que nunca haviam sido expostas.

As obras antigas exibidas em 2019 vão gerar uma nova série de trabalhos, da mesma forma que aquelas presentes na exposição de 2016 – que demarcaram o retorno ainda tímido da artista. Essas zonas expositivas foram fundamentais para a artista retomar a sua potência criativa e pensar em uma mostra individual, justo na Elf Galeria que no passado tanto a acolheu. Trata-se, agora, de um novo momento em que não deixam de estar presentes desenhos que tangenciam a antropologia. A série Girassóis para Van Gogh, como afirma Rosangela, propõe “um diálogo atemporal entre cotidianos de um pintor e um florista”, considera que são suas “etnografias urbanas ou caderno de artista”.

O corpo tatuado de Saulo, o florista, adere ao corpo de outro vendedor, Sr. Lili. Todavia, são tempos distintos, outras cidades, outras cores. O amarelo intenso e brilhante do girassol, em alguns momentos descola-se do cenário humano para compor a Natureza Morta, que agora retorna após tantos anos, nos desenhos aquarelados, nas pinturas em acrílica. A série Urbes, composta na maioria por pequenos quadros, também apresenta indícios de um olhar antropológico sobre a cidade, mas o que prevalece é a manufatura da pintura, a sensível percepção das injustiças sociais e das paisagens móveis. Com exceção da série Girassóis para Van Gogh, que foi concebida no período de 2021 a 2023, as demais séries foram criadas em 2022.

Nestes 31 anos que nos separam da primeira individual da artista, a série Travestir-se representa o vigoroso retorno à pintura e interliga encobrimentos, receios e coragem. As obras Censura II (mostrada em curadoria de Nina Matos) e Censura I e Duza (exibidas em curadoria de Orlando Maneschy) ficaram três décadas guardadas, veladamente proibidas. Mas tornaram-se obras fundantes da série ora apresentada. Referindo-se às três pinturas, Rosangela Britto revela: “foram censuradas por mim e ficaram guardadas no meu Arquivo Pessoal e só foram expostas no Arte Pará de 2019”. Em seu depoimento, a artista relata que em 1986, quando enviou as obras para o Salão de Arte Jovem, em Santos/SP, furou a censura e incluiu os/as travestis dessa série inicial.

O filósofo espanhol Paul Preciado, que até os 38 anos ainda se chamava Beatriz, em 17 de dezembro de 2019 realiza na Escola da Causa Freudiana, em Paris, a palestra Eu Sou o Monstro que Vos Fala: Relatório para uma academia de psicanalistas. Ele não conseguiu terminar o discurso devido à censura dos próprios psicanalistas. Mas no mesmo ano publica um livro homônimo, com o texto da palestra na íntegra e o dedica a Judith Butler. Como ela, Preciado considera que tanto a masculinidade quanto a feminilidade são construções sociais e não fatos naturais. Em seu discurso, o filósofo se autodescreve: “Eu, um corpo trans, um corpo não binário, a quem nem a medicina, nem o direito, nem a psicanálise, nem a psiquiatria reconhecem o direito de falar sobre minha própria condição na qualidade de especialista [...]”

O silenciamento de si ou advindo das pressões sociais permanecem. Rosangela Britto revela que nos anos 1980 seu encantamento “por essas representações, personalizações ou personagens” provinha do *glamour*, do ato de montar-se. Havia uma certa relação com o teatral, mas também estava associada ao próprio despertar para homossexualidade. Nesta série *Travestir-se*, de 2022, as questões de gênero emergem com mais clareza, os enfrentamentos são menos íntimos, mais coletivos. As três pinturas que compõem o Ambiente Cor de Carne, habitam com igual fluidez a proximidade das cores e cenários de Toulouse-Lautrec e o convívio com o corpo trans da outra artista e amiga Rafa Monteiro, que posa criando a sua própria interpretação da travesti de 1986. Toda a série traz as nuances desta interpretação de si e do outro.

Importante retornar ao texto de 1989, de Gileno Chaves, no qual ele comenta que Rosangela invade o submundo “das personagens para alcançar-lhes a intimidade secreta e reprimida. Investe, portanto, vigorosamente contra todas as máscaras [...]”. Referindo-se ao aspecto teatral das obras de *Animais Amestrados*, Gileno finaliza o seu texto dizendo “esperamos que as cenas sejam passadas sem cortes.” E é sem cortes que o resistir da arte e da vida se pretende libertário, mesmo nos complexos e incertos cenários do porvir.

Marisa Mokarzel

* Este texto integra o livro digital Kindle: PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

EXPOSIÇÃO



EXPOSIÇÃO



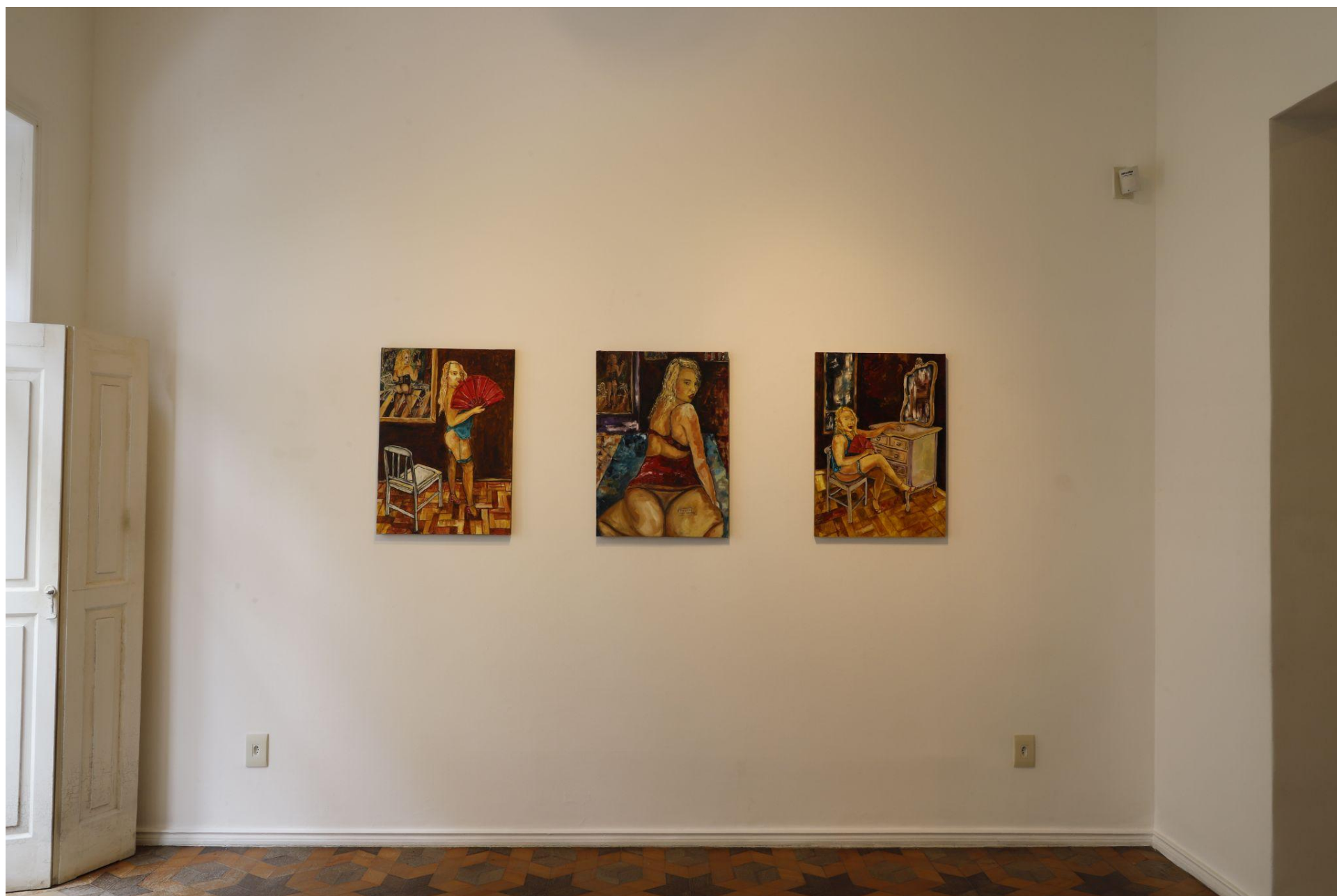
EXPOSIÇÃO



EXPOSIÇÃO



EXPOSIÇÃO



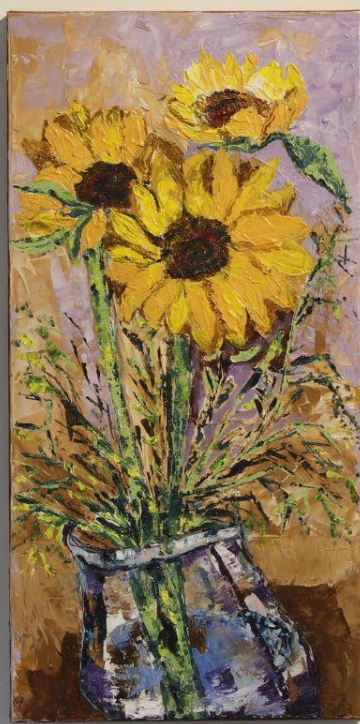
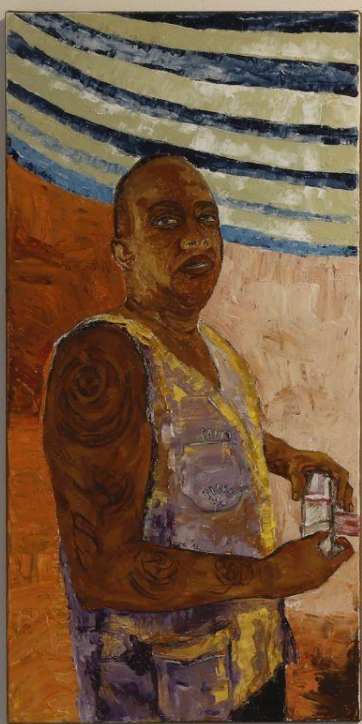
EXPOSIÇÃO



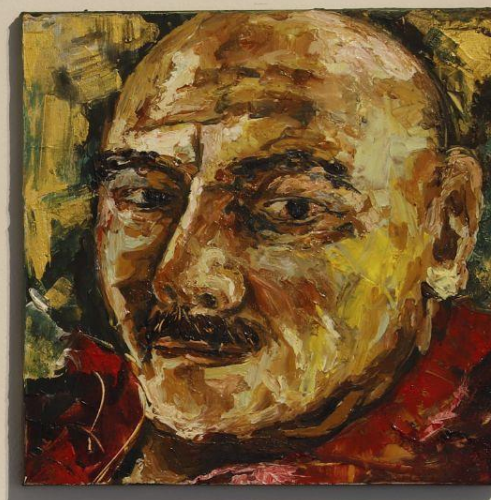
EXPOSIÇÃO



EXPOSIÇÃO



EXPOSIÇÃO



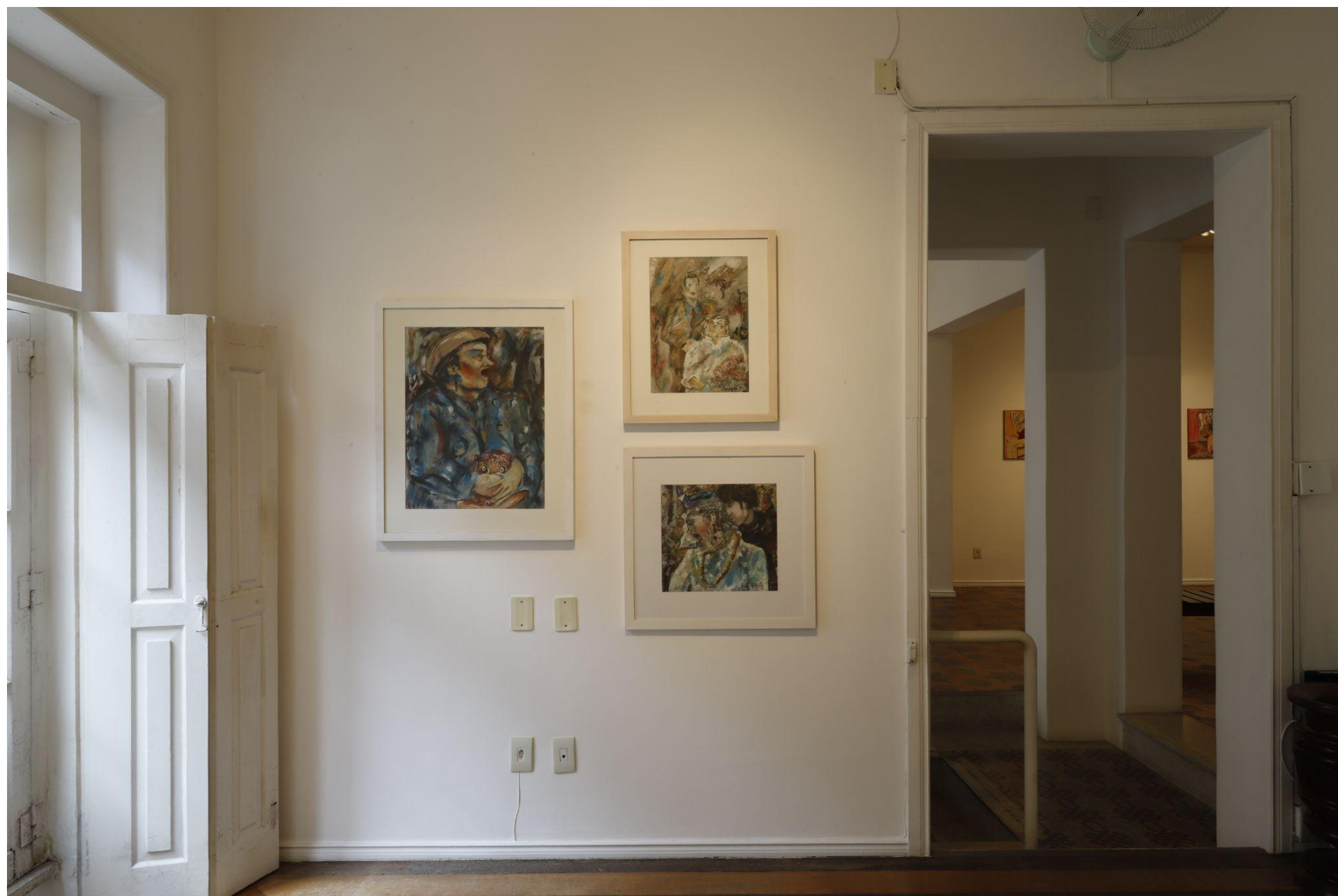
EXPOSIÇÃO



EXPOSIÇÃO

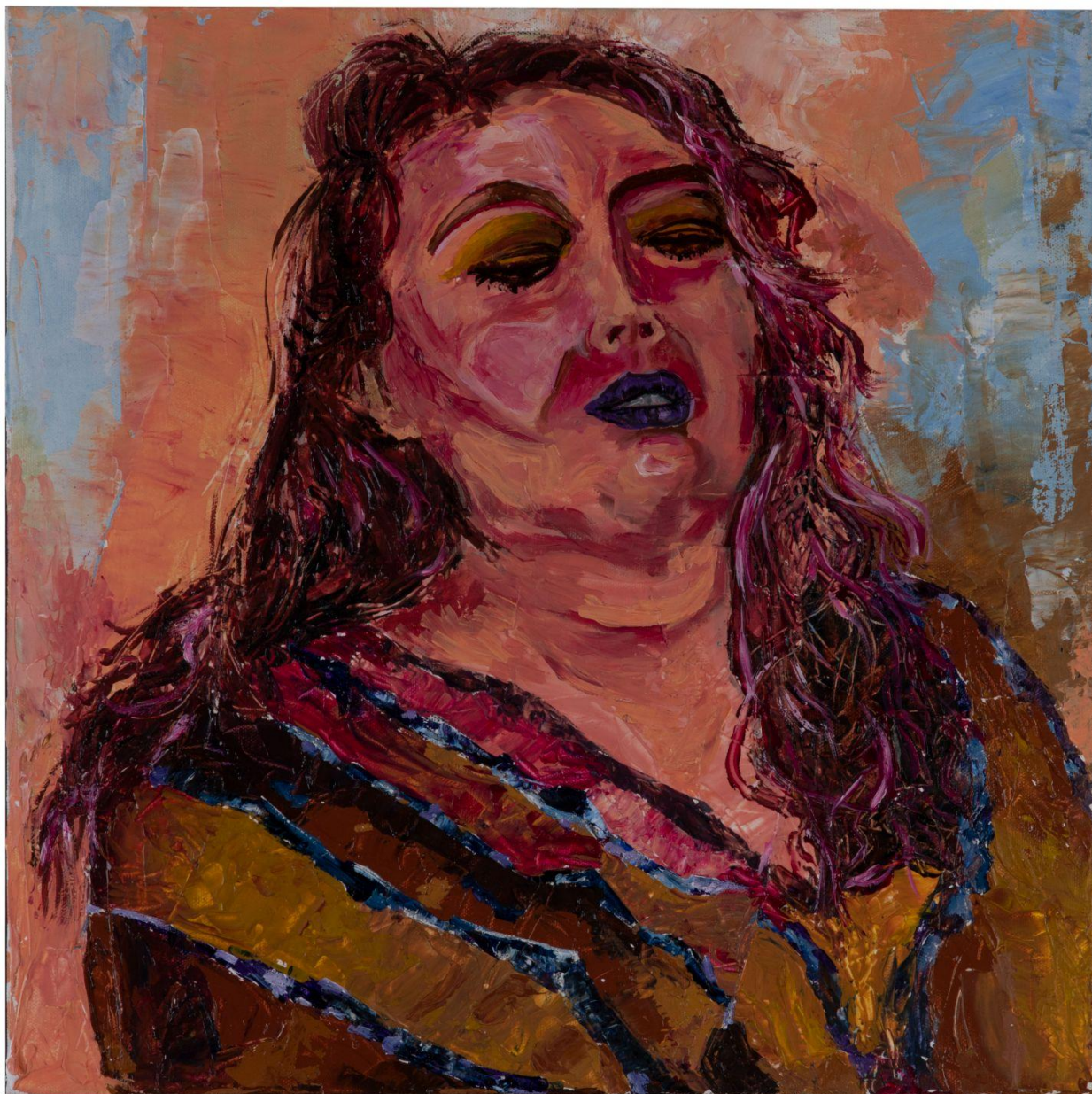


EXPOSIÇÃO



Série

Travestir-se



Série **Travestir-se**
Acrílica sobre tela
40x40 cm
2022



Série **Travestir-se**
Acrílica sobre tela
40x40 cm
2022



Série **Travestir-se**
Acrílica sobre tela
40x40 cm
2022



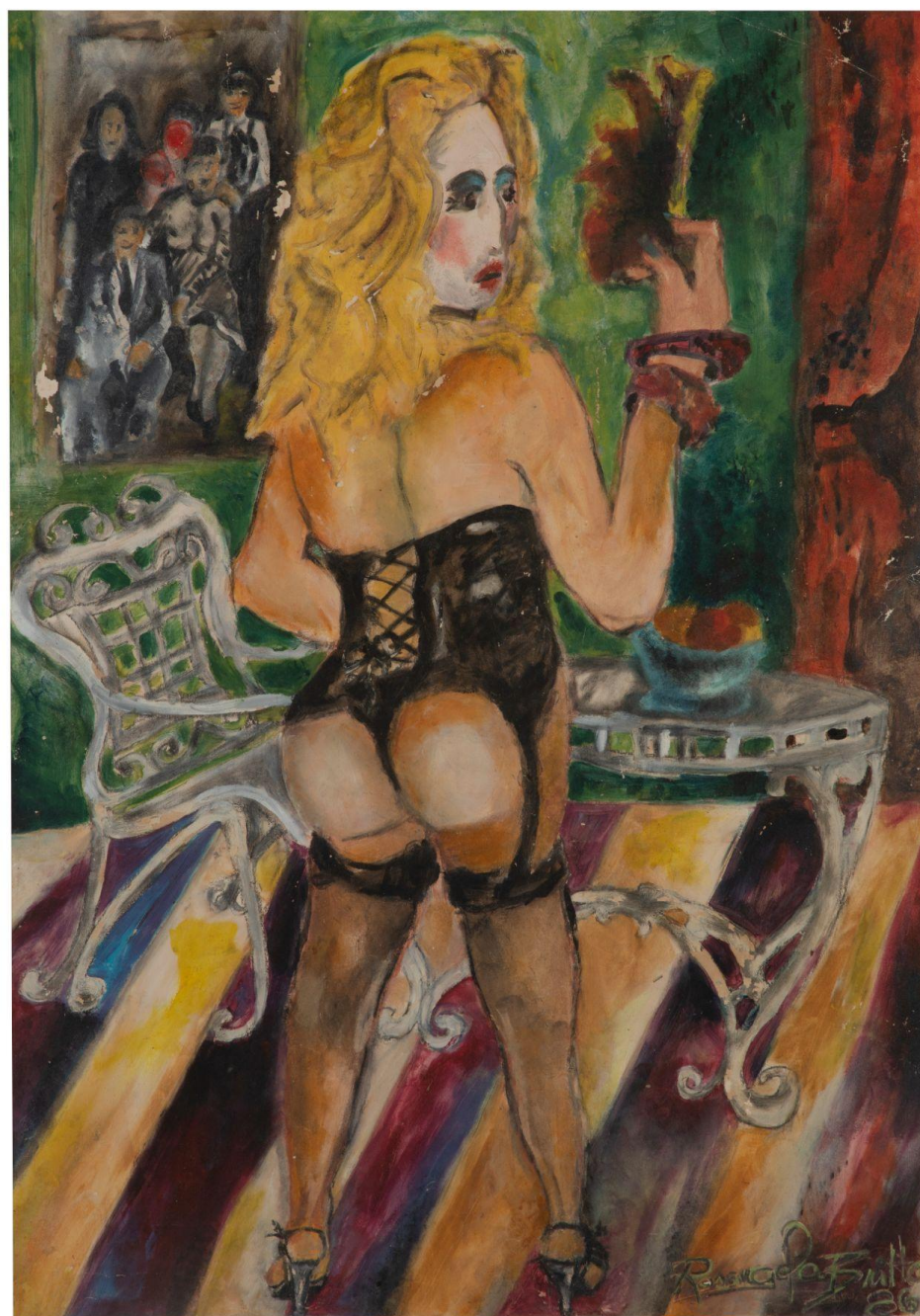
Série **Travestir-se**
Ambientes Cor de Carne 1
Acrílica sobre tela
50x50 cm
2022



Série **Travestir-se**
Ambientes Cor de Carne 2
Acrílica sobre tela
50x50 cm
2022



Série **Travestir-se**
Ambientes Cor de Carne 3
Acrílica sobre tela
50x50 cm
2022



Censura II

Pastel a óleo sobre papel Schoeller

41 x 39 cm

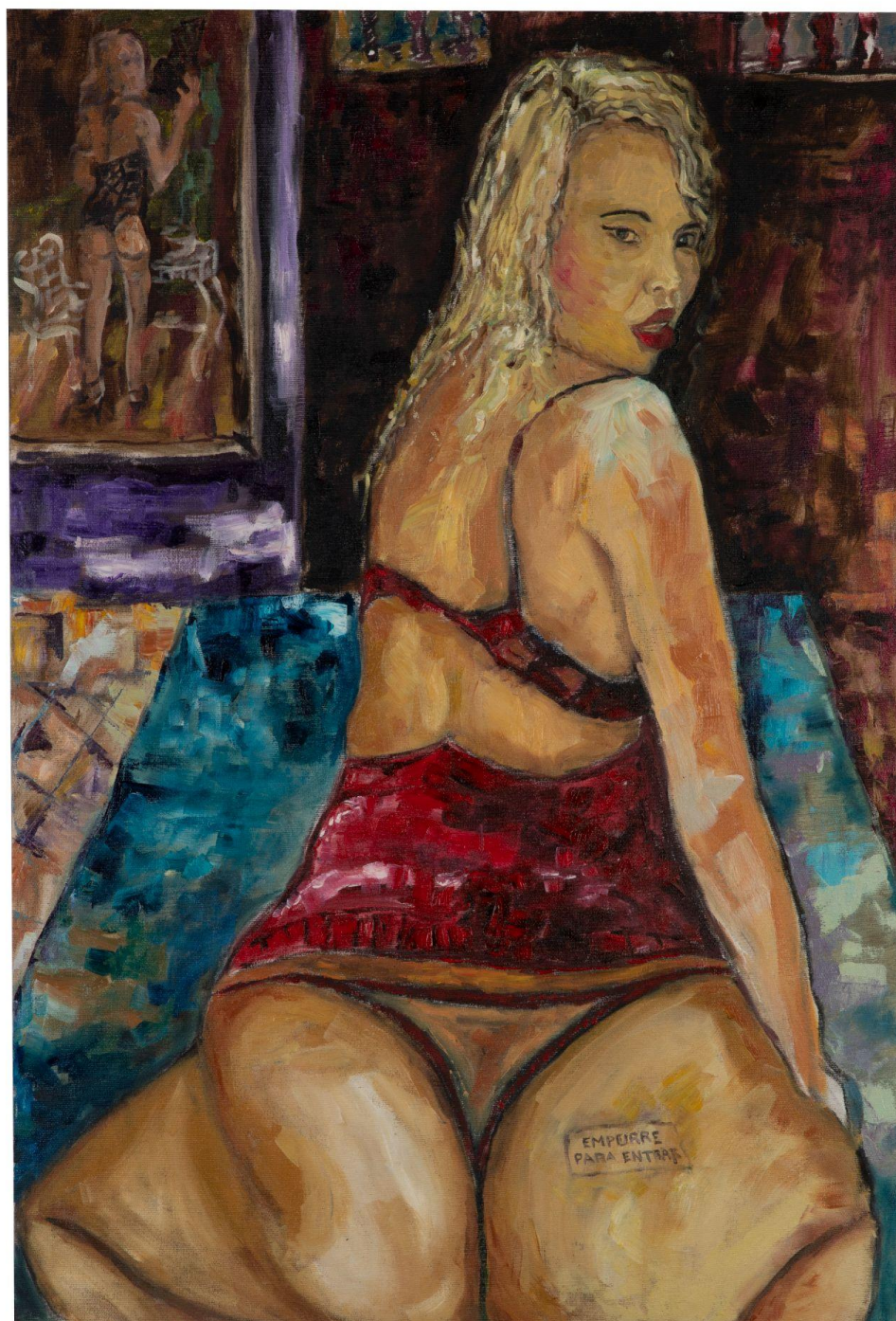
1986



Série **Travestir-se**
O espelhamento
Óleo sobre tela
70x50 cm
2022



Série **Travestir-se**
O tempo e a personagem
Óleo sobre tela
70x50 cm
2022



Série **Travestir-se**
Empurra para entrar
Óleo sobre tela
70x50 cm
2022

Série **Travestir-se**

Rafael Matheus Monteiro, a artista-trans, possibilitou-me pensar várias cenas corporais interpretativas de uma obra minha de 1986, “Censura 2”. A dádiva da jovem artista e amiga de posar, performar para as fotos, serviram como referente aos estudos/esboços e pinturas realizados entre 2021-2022 no Rio de Janeiro. Outrora, o nosso encontro acadêmico se deu na relação de docente-discente no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, de 2017 a 2019. Rafael, atualmente como Rafaela Maria Matheus Monteiro, foi bolsista-monitora das disciplinas de pinturas que ministrei e orientanda no Trabalho de Conclusão de Curso.

A série Travestir-se parte da ideia de montar-se, vestir-se de indumentárias e adereços que se reportam às questões de gênero, escolhas de autorrepresentações tensionadas pelos limites visuais dos corpos e desejos de si em relação a sociedade-mundo. Nestas relações da artista e seus contextos políticos, socioculturais, de raça e gênero permeiam as subjetividades e a dimensão psicoafetiva, representada pelo espelhamento de diversidade e pluralidade aqui presentes plasticamente pelo conjunto de pinturas que utilizam o recurso do espelho, um instrumento de introspecção e de autointerpretação utilizado nas artes visuais desde o século 15.

Rosangela Britto

Série

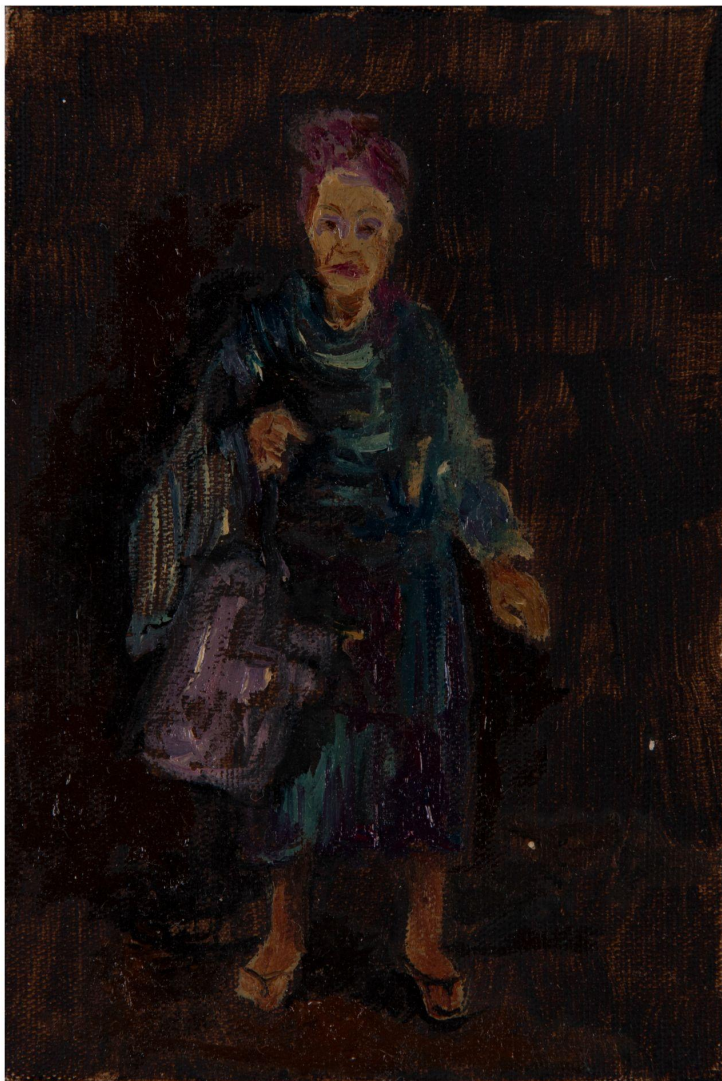
Urbes



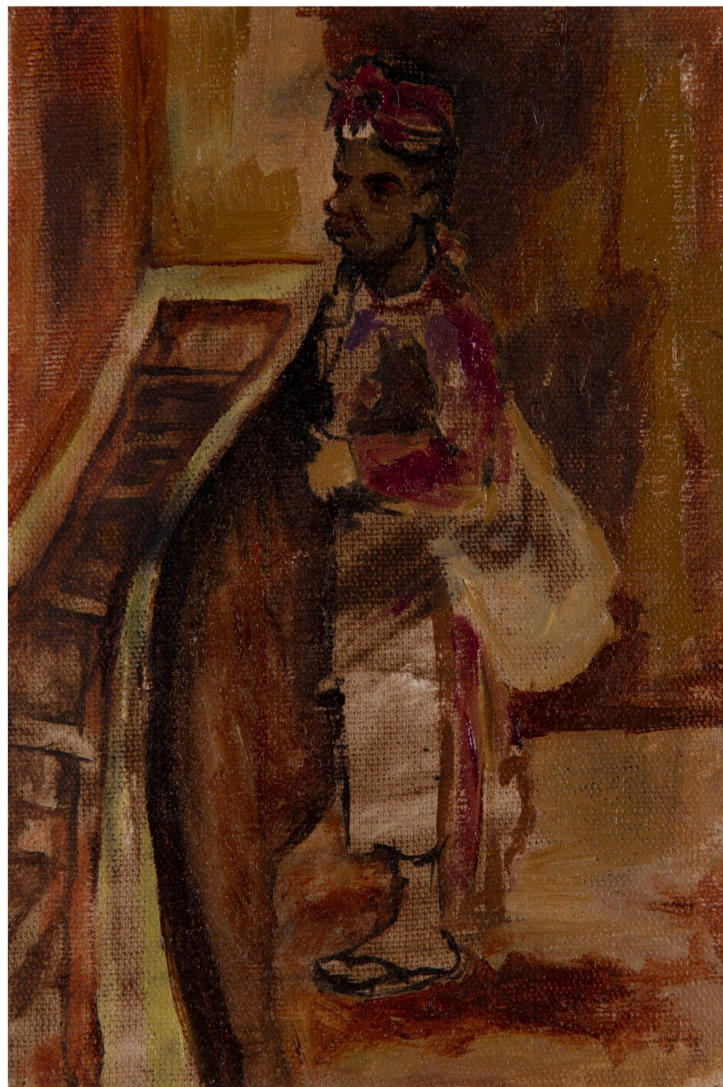
Série **Urbes**
Óleo e betume sobre tela
15 x 10 cm
2022



Série **Urbes**
Óleo e betume sobre tela
15 x 10 cm
2022



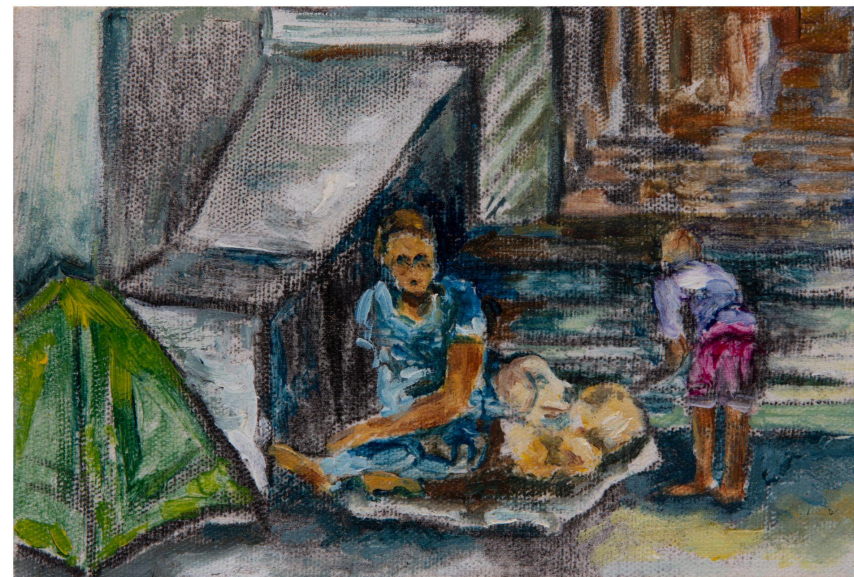
Série **Urbes**
Óleo e betume sobre tela
15 x 10 cm
2022



Série **Urbes**
Óleo e betume sobre tela
15 x 10 cm
2022



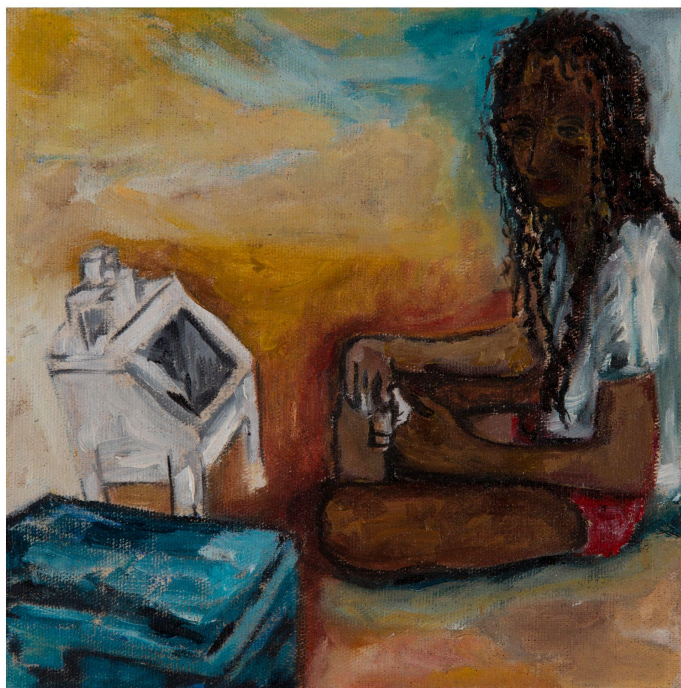
Série **Urbes**
Óleo sobre tela
10 x 15 cm
2022



Série **Urbes**
Carvão e óleo sobre tela
10 x 15 cm
2022



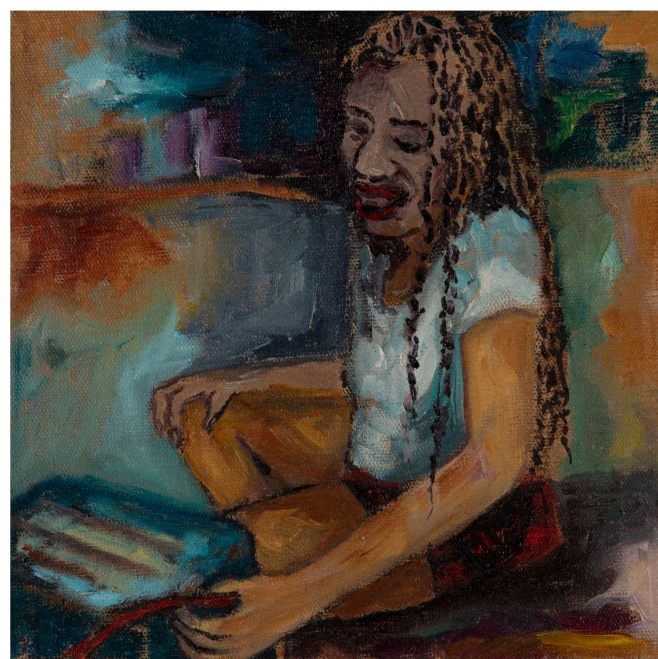
Série **Urbes**
Carvão e óleo sobre tela
10 x 15 cm
2022



Série **Urbes**
Óleo e pastel a óleo sobre tela
15 x 15 cm
2022



Série **Urbes**
Óleo e pastel a óleo sobre tela
15 x 15 cm
2022



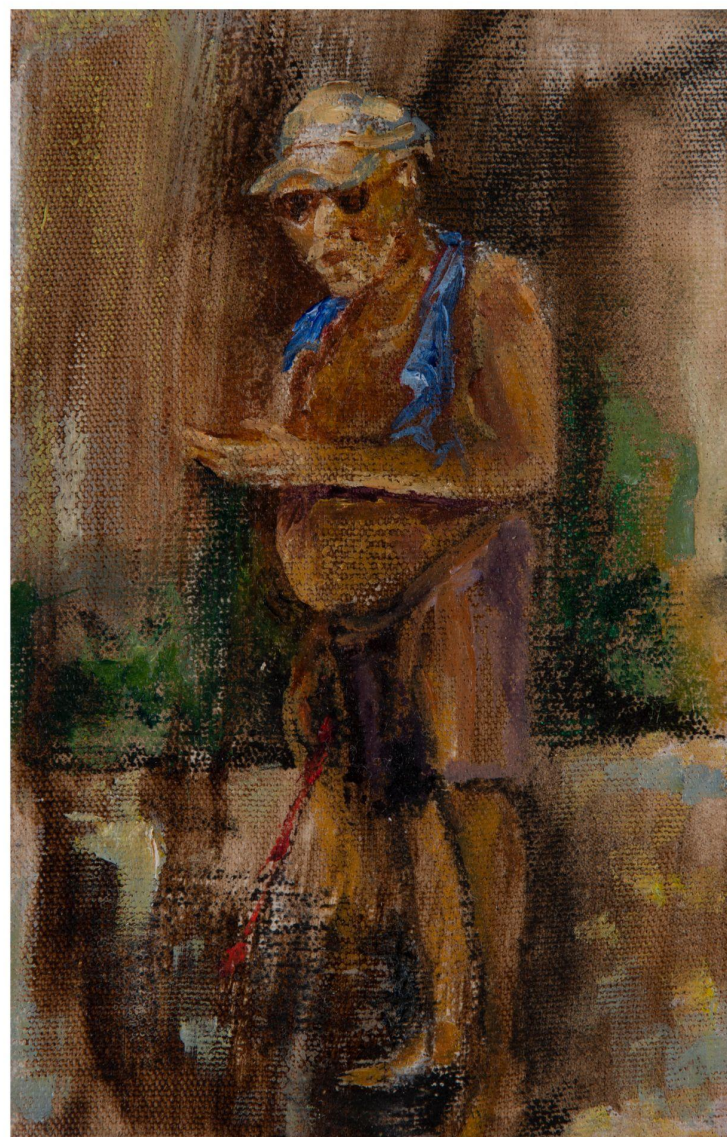
Série **Urbes**
Óleo e pastel a óleo sobre tela
15 x 15 cm
2022



Série **Urbes**
Óleo e betume sobre tela
10 x 15 cm
2022



Série **Urbes**
Óleo e betume sobre tela
10 x 15 cm
2022



Série **Urbes**
Óleo e betume sobre tela
10 x 15 cm
2022

Série **Urbes**

Caminhar na cidade, observar, anotar em caderno de campo, registrar com fotografias, gravar áudios dos sons do meio urbano, apreciar e se deixar afetar pela paisagem (envolvendo a relação de humanos e não humanos) é um ofício do antropólogo urbano, que são acrescidos de outros agires artístico/estéticos de uma artista-etnógrafa.

Deixei-me conduzir pelo estranhamento ao olhar as condições sensíveis do Outro exposto na rua, ao caminhar na Travessa República do Peru e outras ruas de Copacabana no Rio de Janeiro, e no entorno do Teatro Municipal em São Paulo, nos anos de 2021 e 2022. Neste momento começam a se configurar os desenhos e anotações que serviram de base para as pinturas sobre os moradores de rua, pedintes, vendedoras de queijo, alguns anônimos outros mais conhecidos, como o Sr. Paulo, Xavier e Wilma. Iniciei breves diálogos. Observei os não humanos, os animais, como o cachorrinho que espreita o seu dono, percebi a escultura em frente ao pórtico de um templo sacro.

O conjunto de obras da série Urbes pretende narrar visualmente/plasticamente um acontecimento/uma performance urbana - pessoas, animais, Coisas. Como artista-antropóloga me deixei conduzir pelas luzes, cores, texturas, formas, gestos e afetos envoltas em práticas de sociabilidade, que constituem a fonte de inspiração e de referência das obras, concebidas em pequenos formatos na técnica óleo, acrílica e mista (betume, pastel a óleo, grafite, carvão) sobre tela. A série Urbes busca instigar o público a rever o seu cotidiano e mesmo ordenar suas séries de relatos diários de vida pulsante, coberta de ausências do poder público municipal e estadual, necessitando de ações voltadas ao bem-viver e de cidadania que nos atravessam/afetam em nossos lugares socioculturais e de pertença no mundo-urbano contemporâneo.

Rosangela Britto



Série "**Praça da Sé**" / **Sr. Lili IV**
Acrílica sobre tela
30X30 cm
2017



Série "**Praça da Sé**" / **Sr. Lili III**
Acrílica sobre tela
30X30 cm
2017

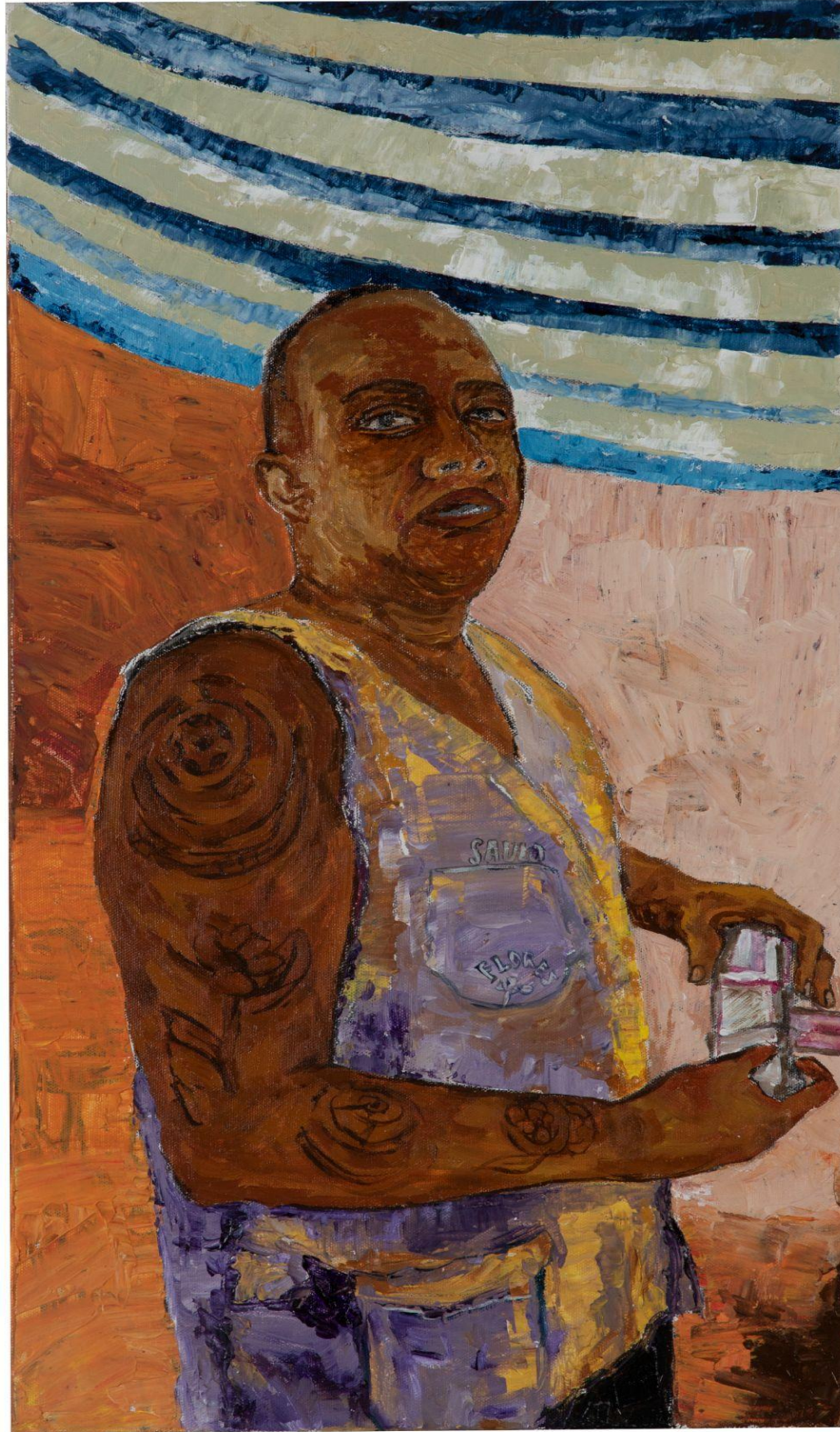
Série **Estudos do Cotidiano - “Largo da Sé”**

Os anos de 2016-2017, demarcam o meu encontro etnográfico/artístico-estético com Sr. Lili, proprietário da barraca de água de coco, mais conhecida como barraca do Sr. “Abaeté II”, situado em frente ao Espaço Cultural Casa das Onze Janelas. Neste período desenvolvi a pesquisa etnográfica das relações dos grupos sociais urbanos com o espaço do patrimônio musealizado, que correspondem às edificações transformadas em museus, situadas no entorno da Praça Frei Caetano Brandão, em Belém do Pará, no bairro da Cidade Velha.

As obras, desenhos e pinturas que envolveram o Sr. Lili, os primeiros desenhos da paisagem urbana do “Largo da Sé” e os vendedores de água de coco foram concebidos para a exposição coletiva “Paisagens de Lance”, realizada na Casa das Onze Janelas, em 2016, integrando as pinturas do conjunto da “Série Estudos do Cotidiano”, intitulada “Praça da Sé”. O conjunto de desenhos e um áudio com a voz do Sr.Lili narrando o cotidiano do seu trabalho/pertença compuseram uma instalação. Os quatro retratos na técnica de acrílica sobre tela e mais a cena do Sr. Lili em frente a sua barraquinha de água de coco, tendo ao fundo uma parte da fachada da Casa das Onze Janelas, intitulada a “Barraca do Abaeté II” integraram a exposição coletiva “A Pintura vai bem Bem, obrigado”.

O conjunto da série representou plasticamente as paisagens de pertença e afetos acerca das minhas memórias deste interlocutor. Um dos retratos, por escolha do retratado, foi presenteado a ele. Na mostra atual foram expostos dois retratos desta série, que reapresentam essas relações dialógicas entre eu e os Sr.Lili, mas em outra camada interpretativa é trazida aos retratos, em especial, a relação de forma-conteúdo da obra, que extrapola a simples representação de seus traços fisionômicos, mas que apresentam um outro estágio psíquico-mental, demarcado por gestos contrastantes de cor, entre o austero e o emocional, do encontro entre a artista e o retratado, expresso plasticamente por pinceladas e espatuladas densas de cores bem empastadas e impregnados de múltiplos afetos demarcadores de trocas. De certa maneira, um retrato de uma personagem que carrega consigo o seu próprio autorretrato de memórias e afetos.

Rosangela Britto



Homem-flor, Saulo
Acrílico sobre tela
60x30 cm
2022



Natureza Morta 1
Acrílica sobre tela
60x30 cm
2022



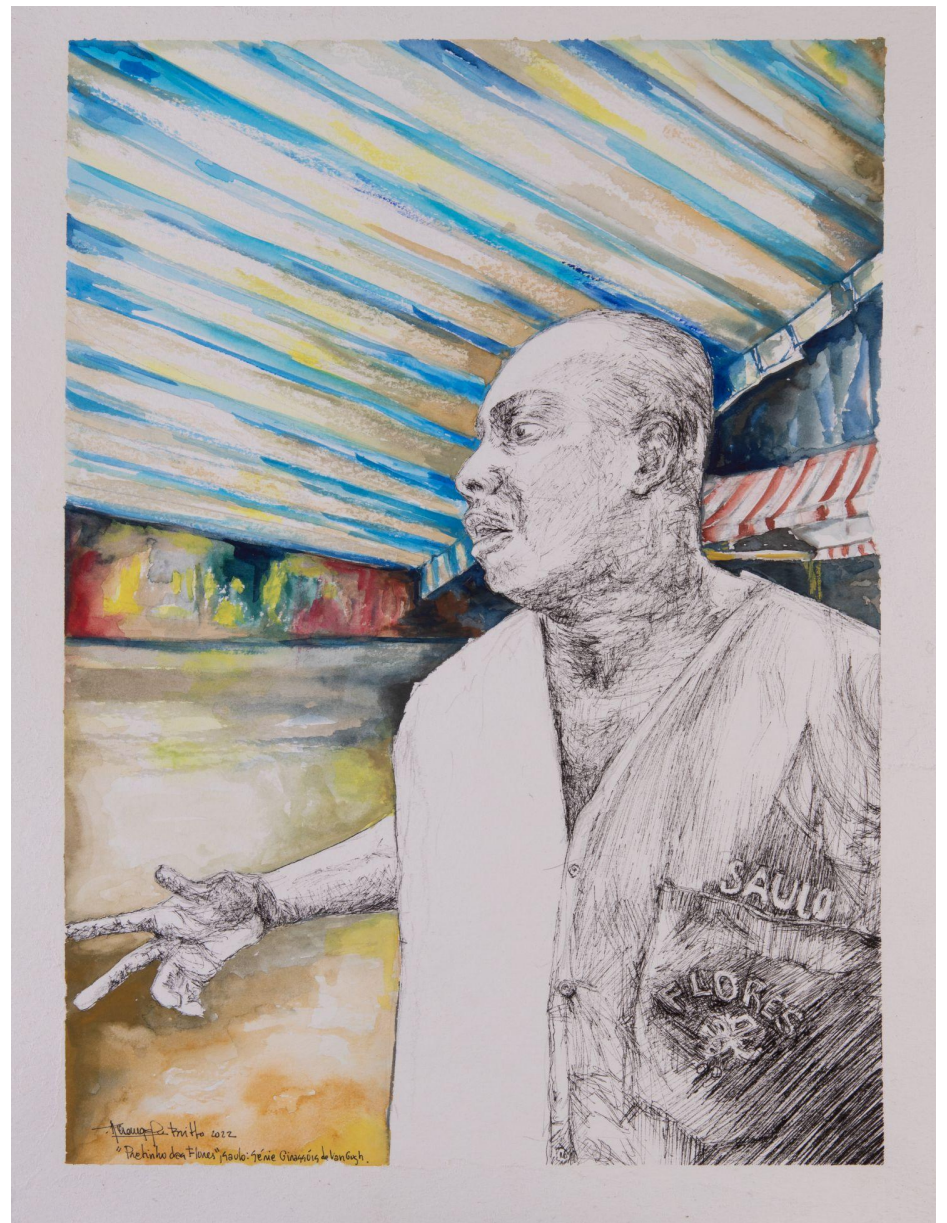
Natureza Morta 2
Acrílica sobre tela
60x30 cm
2022

Série

Girassóis para Van Gogh



Série **Girassóis para Van Gogh**
Desenho
31x20 cm
2022



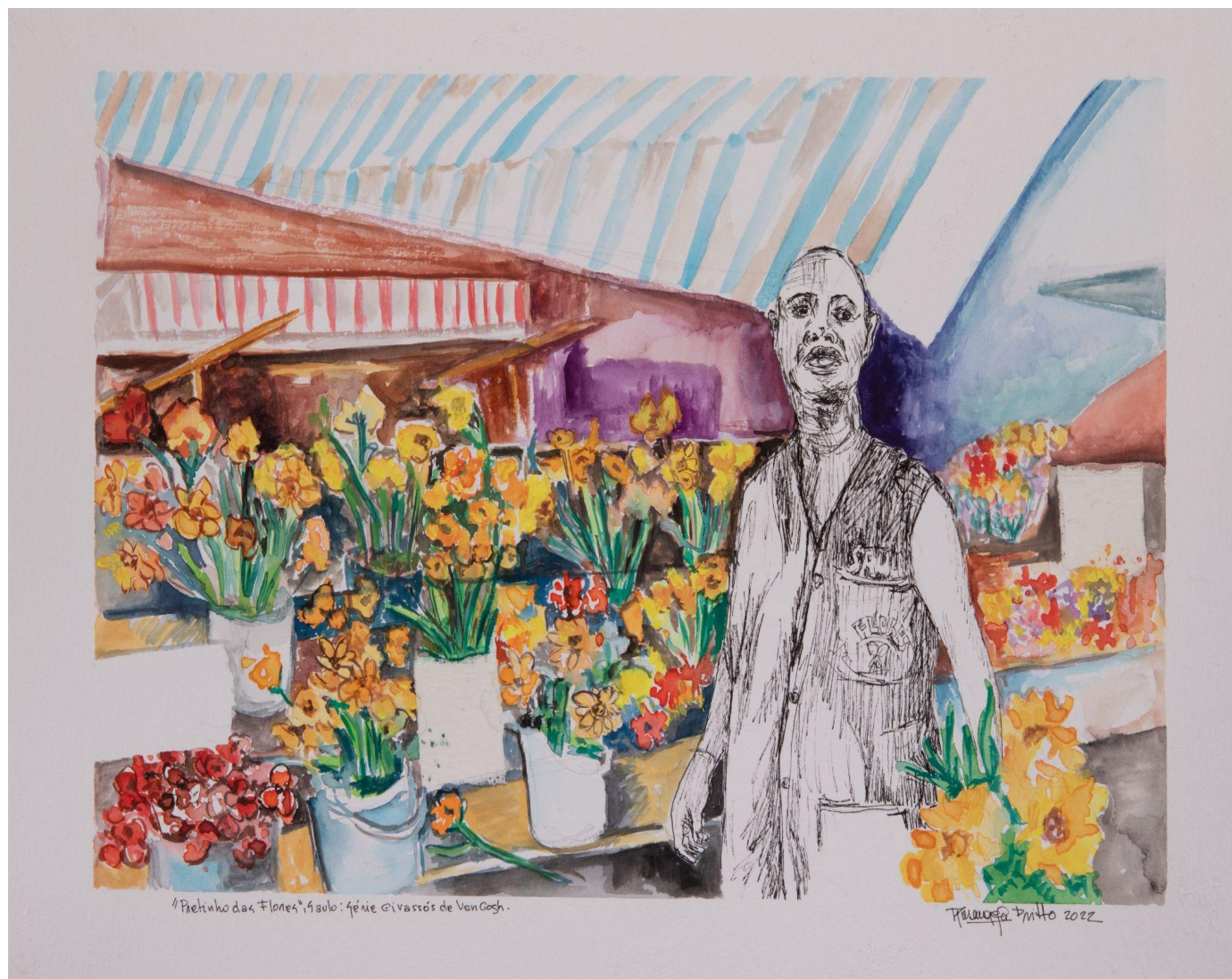
Série **Girassóis para Van Gogh**
Desenho
31x20 cm
2022



Série **Girassóis para Van Gogh**
Desenho
31x20 cm
2022



Série **Girassóis para Van Gogh**
Desenho
31x20 cm
2022



Série **Girassóis para Van Gogh**
Desenho
31x20 cm
2022

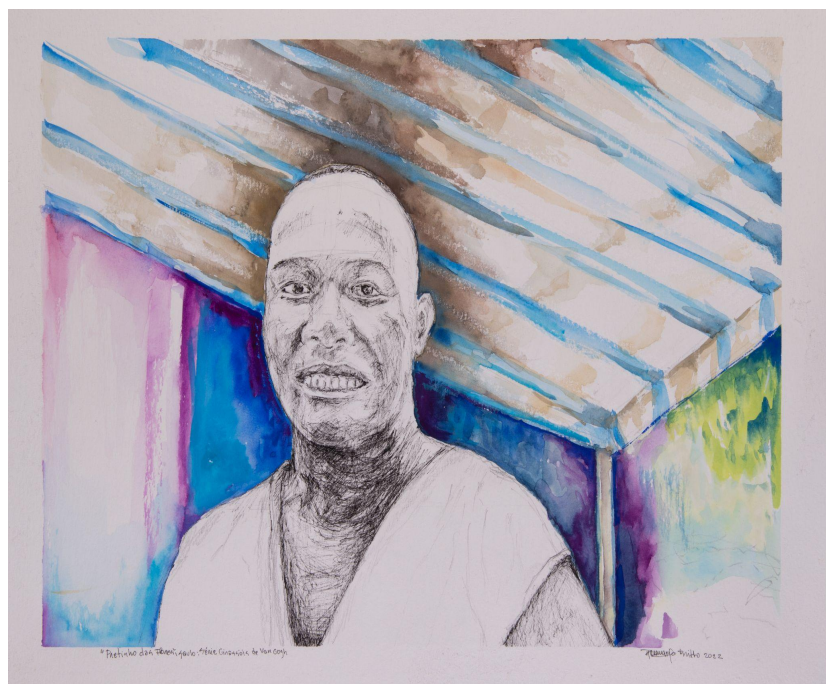


Série **Girassóis para Van Gogh**

Desenho

31x20 cm

2022



Série **Girassóis para Van Gogh**
Desenho
31x20 cm
2022



Série **Girassóis para Van Gogh**
Desenho
31x20 cm
2022



Série **Girassóis para Van Gogh**

Desenho
31x20 cm
2022



Série **Girassóis para Van Gogh**

Desenho
31x20 cm
2022



Série **Girassóis para Van Gogh**

Desenho
31x20 cm
2022



Série **Girassóis para Van Gogh**

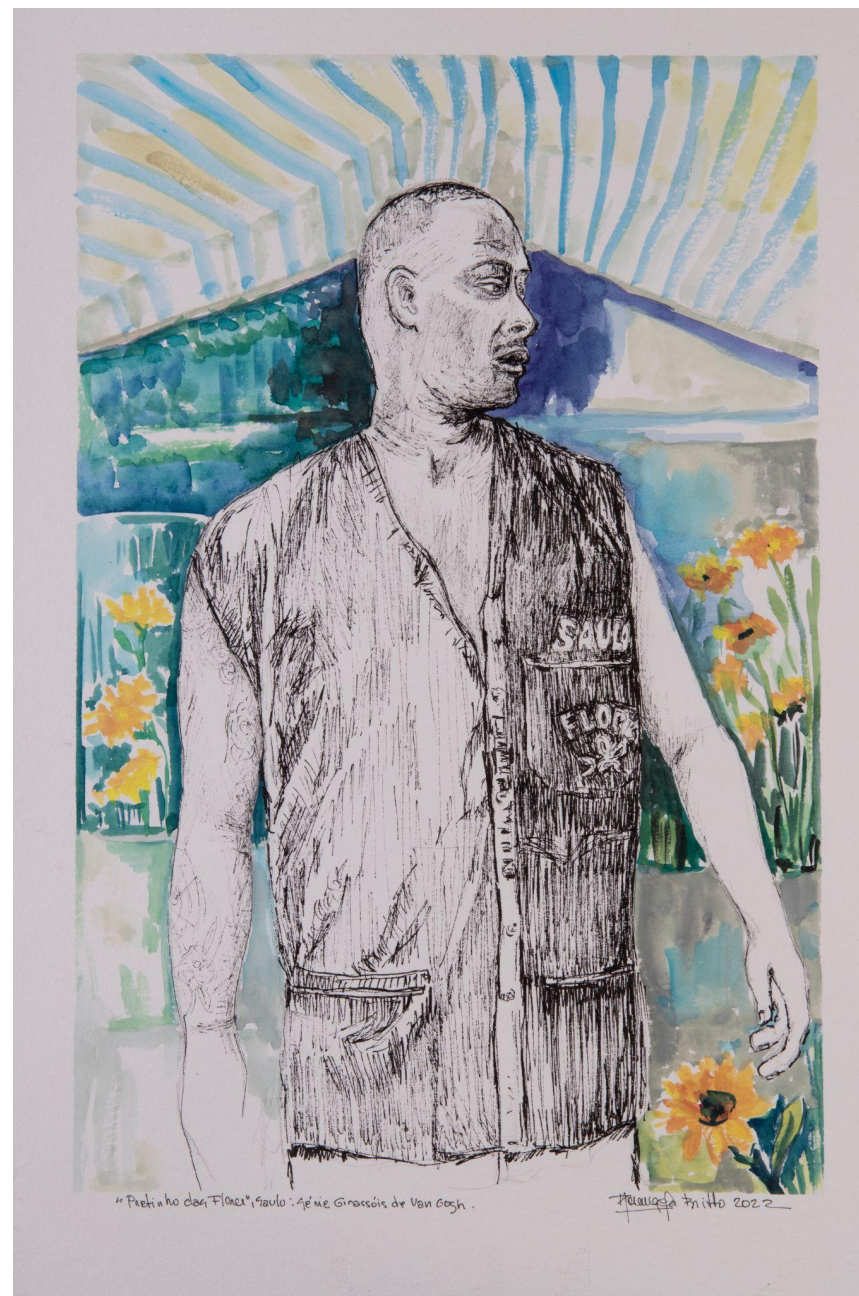
Desenho

31x20 cm

2022



Série **Girassóis para Van Gogh**
Desenho
31x20 cm
2022



Série **Girassóis para Van Gogh**
Desenho
31x20 cm
2022

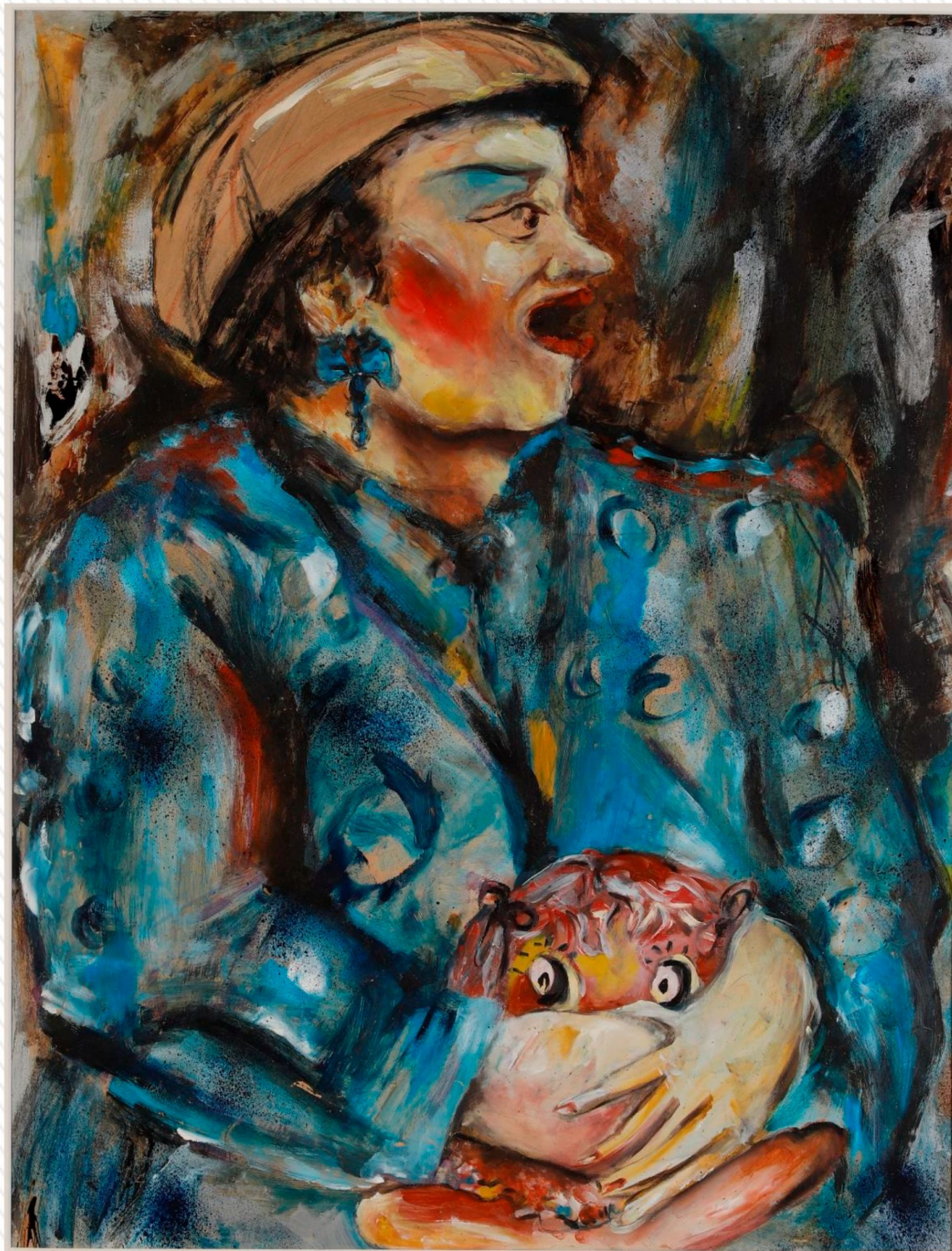
Série **Girassóis para Van Gogh**

Saulo se autodenominou de “pretinho das flores”. Florista há mais de trinta anos ele demonstra em seu ofício uma sensibilidade ao trato com as plantas. Tem diversas flores e outros elementos geométricos tatuados em seu corpo preto. A barraca de flores em que trabalha circula as feiras na cidade do Rio de Janeiro. O meu encontro com Saulo, se deu aos domingos na Praça Serzedelo Correia, em Copacabana, iniciado no ano de 2021 como freguesa. Nesta convivência dominical, ele tem me ensinado a reconhecer os diversos tipos de girassóis, assim como as sutilezas e delicadeza para cuidar deles. A série se propõe a um diálogo atemporal entre cotidianos de uma pintora e um florista, entre história da arte/gêneros de pintura, como a natureza morta, a paisagem urbana e o retrato. Associei a pintura dos “Girassóis” (óleo sobre tela, National Gallery, Londres), de Vincent Van Gogh, 1888, constituída por pinceladas empastada, em tons de amarelo e ocre, com as minhas etnografias urbanas ou caderno de artista. Ao solicitar autorização para fotografá-lo, expliquei qual seria o uso das imagens e que era pintora. Após o término de algumas pinturas, eu o presenteei com um retrato, que ele escolheu dentre as obras que lhe apresentei, da série intitulada como os Girassóis para Van Gogh.

Rosangela Britto



Anos 1980 e 1990



Duza
Mista sobre papel
63 x 48,5 cm
1986



Censura 1
Mista sobre papel
37,5 x 40 cm
1986



Os Noivos
Mista sobre papel
48,2 x 34,5 cm
1986



Encenações II
Acrílica sobre tela
96x66 cm
1988



Mulher
20x35 cm
Acrílica sobre tela
1992



Estudo para a obra
"Os Amantes"
Acrílica sobre Duratex
1992



Assista **“Rastros da cor em Rosângela Britto”**
de Heldilene Reale em

<https://youtu.be/xBZBx5p6Kkc>

Vídeo **Rastros da cor em Rosangela Britto**

O vídeo apresenta um recorte da Websérie "Pelo Olhar Delas", gravada no ano de 2021, a partir de pesquisas sobre o processo de criação de duas artistas, em diferentes gerações, conectadas com a pintura em Belém do Pará. Para a exibição nesta exposição apresentam-se os rastros presentes no processo de criação de Rosangela Britto, em uma paleta de cores ativada pela artista a partir da década de 1980. Rosangela, em seu diálogo, nos apresenta personagens que ora surgem em ficções e ora em realidades amparadas pelos seus afetos, observações e envolvimento com a cidade. Assim, a artista antropóloga e a antropóloga artista, nos envolve em seu fazer técnico em um mergulho poético que atravessa e dialoga com temas de um passado que é presente contínuo. Sua espátula de pintura toca rostos que empastam o ir e vir de estudos construídos, nos devolvendo em suas ampliações o aprofundamento de suas relações, em texturas que nos tocam e nos atravessam. A artista compõe, com seus pincéis, a escrita de uma melodia com a narrativa provinda do dia a dia das cores que formam personagens de um cotidiano narrado por modos de viver e do fazer viver. Rastros da vida humana em cores habitadas pela artista e pelos seus.

Heldilene Reale

A PINTORA VOLTOU

Prestem atenção nestas datas: 1986, 1988, 1992, 2017, 2022*. Entre os três primeiros e os dois últimos, um hiato de 25 anos. Para um artista, abrir um vácuo de 25 anos na carreira, sobretudo quando se começava a seguir a convocação das mocidades frenéticas (“abra suas asas, solte suas feras”) naqueles já longínquos anos da reabertura meia-sola da nossa capengante democracia, é porque o artista gorou ou foi cantar em outra freguesia.

Vinte e cinco anos correspondem a uma geração inteira que não se nutriu da mordacidade, da dicção corrosiva e sarcástica da pintura de Rosangela Britto – um selo inconfundível, à época. Vinte e cinco anos em que numa raia histórica que vinha sendo pautada pela excelência dos nossos pintores *oriundi* da arquitetura e afins, a exuberância de nossos fotógrafos vindos da comunicação e afins passou com fôlego suficiente para equilibrar o jogo do contemporâneo, embora essa não tenha sido uma rinha de galos nestes quintais do paraensês. Nesse meio-tempo, os “afins” eram a educação artística e os mais ou menos *outsiders* da lida acadêmica, mas igualmente militantes das artes visuais.

A pintora saiu de cena nesse momento. Refluiu, escafedeu-se, retirou-se para os claustros enquanto as outras personas de Rosangela assumiam os púlpitos: arquiteta, funcionária pública do municipal, do estadual e do federal, (re)criadora de museus (do barroco sacro ao contemporâneo profano), curadora, arte/educadora, museóloga, mestra, doutora e pesquisadora, tudo num mix muito peculiar.

Tantas rosangelas pulularam em 25 anos, que a pintora parecia sobreviver sedada e entubada graças aos aparelhos culturais que as outras administravam. Não foi a única de sua geração que passeou pelos “afins” – dado que essa foi uma circunstância imposta à essa mesma geração – mas foi das poucas e dos poucos artistas que se recusaram ao envelhecimento público (lento, mas inexorável) de sua própria obra – uma duchamp ou uma greta garbo que – quem diria? – acabaria no Jurunas.

*Todos os trabalhos expostos têm uma dessas datações.

Apesar das vagas promessas, não foram poucas as pessoas (este escriturário incluído) que pensaram que, quando (e se) saísse dessa UTI, a pintora sairia sequelada ou, no mínimo, necessitando de um longo (e talvez infundável) processo de fisioterapia ou de cromoterapia ou de arteterapia ou de tudo isso junto e misturado – quantas vezes já não tínhamos visto isso em carreiras aparentemente bem mais sólidas?

Acontece que a pintora voltou. Despertou, primeiro, em 2017 com a série “Praça da Sé”. Ali, já apontava para outros rumos não necessariamente dos itaús culturais da vida. Falo de uma saída do humano: das fantasmagorias das alcovas para as fantasmagorias das ruas. Saem as miudezas do privado; entram as pequenezas do público, mas permanece o confronto dialético entre entranhamento e estranhamento do outro, do outro espelhado, mas nem sempre refletido.

“Cor: corpos e tempos” é o título certo da individual de Rosangela Britto curada por Marisa Mokarzel, ora na Galeria Elf – aquela mesma onde a pintora deu seus primeiros passos, nem sempre em pequenos formatos. Não se trata de uma retrospectiva. Está mais para “o boêmio voltou novamente / partiu daqui tão contente / por que razão quer voltar?”. Aliás, essa volta se insere numa pujante “retomada” da cena visual em Belém, na qual os novos, os velhos e os nem tão novos e nem tão velhos artistas, curadores, colecionadores, críticos e historiadores (daqui e de outras freguesias) têm afiado suas garras e soltado suas feras, todos sedentos de *likes* neste recente biênio pós-pandêmico.

Não sendo (ou parecendo) uma retrospectiva, Marisa e Rosangela optaram por suspensões temporais que, ao mesmo tempo, pontuam flutuações estéticas. Partem de uma obra de 1986 “(auto)censurada” para dialogarem com a série “Travestir-se” (2022). Ali já aparecia, um tanto quanto sorradeira, a questão de gênero; aqui também. Mas, desta vez, o travestimento anônimo traveste-se (ele mesmo) em caras e bundas específicas: Rafa Monteiro, travesti, ex-aluna e amiga, ora pintora em seus já não tão primeiros passos. Em todas essas obras expostas na primeira e na segunda sala, a mesma arquitetura de interiores, os mesmos móveis, o mesmo tipo de assoalho, a mesma parede desnuda que, aliás, dialogam em vários sentidos com as paredes e os assoalhos da própria Elf – um diálogo entre espaço representado e espaço circundante que é em si mesmo preche de induções outras, inclusive temporais. Ressoando esse dialogismo espacial e temporal, nos assombra uma semelhança perturbadora entre a primeira (e anônima) e a última (com cpf) travestis. Não se trata somente de liames estéticos, mas também corpóreos, corroborados no quadro em que o cpf posa ao lado de sua ancestral anônima – lembremo-nos que para os millenials, tudo o que nasceu de 2000 pra trás é “ancestral”.

Rosangela, que nunca foi afeita a retratos, ensaia ali personificações e individuações do humano; talvez para salvá-lo da geleia geral; talvez para celebrar sua própria saída do armário ou – minto – do exílio forçado. No limite, a travesti de 2022 já estava naquela de 1986, que, então, nos negou seu cpf.

Na terceira sala opera-se um corte: não mais os voyerismos das intimidades numa paleta quente, mas os voyerismos das ruas (série “Urbes”) numa paleta fria. Nessas pinturas em mínimos formatos (que Rosangela produziu aproveitando um ano sabático de pós-doc vivido entre a Gávea e o Sumaré), subverte-se aquela tendência à personificação que a série anterior sugeria. A urbe aparece não como mero cenário, mas como um sertão pessoalizado, que embora não seja nem os de ramos (e muito menos os de rosas), coprotagoniza junto com baleias e diadorins, a nos lembrar das tênues e porosas fronteiras que tentam separar o humano de suas circunstâncias. Mas não somente: dado que a grafia pictórica de Rosangela volta aqui a avalizar o anonimato, a série se torna pura conotação daquilo que nos recusamos a ver nas (info)vias da sobrevivida urbana. São camadas que ocultam e desvelam ou, em se tratando de Rosangela, que mordem e assopram.

Ainda na terceira sala, as naturezas mortas estão redundantes, mas talvez sirvam como um semáforo do que está por vir na última sala. Antes, duas pinturas da série “Praça da Sé” (2017) que, salvo engano, já estiveram numa coletiva que celebrava justamente a sobrevivência da pintura, anos atrás. Nestes dois closes de um personagem assíduo da praça, mais um acercar-se do retrato ou, pelo menos, daquela personificação que falei anteriormente, pois é nítido que se trata de uma mesma pessoa, expressa com uma luminosidade talvez inaudita na obra pregressa da artista – até os dourados que ornaram ou ornavam os retábulos das duas portentosas igrejas caiadas que limitam a praça (referida no título) comparecem nestes “closes”.

Por fim, a quarta e última sala com a série “Girassóis para Van Gogh” (2022), com seus “Pretinho das flores”. O Pretinho que rouba essas cenas é um João qualquer, tal como aqueles que o mestre referenciado retratou e que loiras impudicas açoitam nas portas de seus condomínios. Mas o Van Gogh e a loira impudica da coisa param por aí e quase nem restam nos girassóis que emolduram as falas do Pretinho – sim, porque o Pretinho fala; e com que verve! Ao mesmo tempo, este também é um momento em que a persona vira personagem, em que o anônimo adquire cpf sem perder sua conotação arquetípica.

Esta série (que encerra a mostra) é surpreendente: um desvio ou um recomeço – escolha você, leitor atento da pintora! Sai de cena a pintura que desenha; entra o desenho que pinta. Sai a fatura cromática virulenta em acrílica; entra a aparente (mas só aparente) calma da aquarela e do nanquim. Sai a pintura que grita; entra a pintura que sussurra. Sai o absoluto da cor e entra o seu relativo.

Mas... Como assim? Será esta a pintora rediviva, sequelada por décadas e meia de UTI? Ou, ao contrário, alimentada amorosa e pacientemente pela arquiteta, pela diretora, pela curadora, pela museóloga, pela arte/educadora, pela pesquisadora? Pelas personas, enfim, que saíram em busca de mundos afins para que a pintora não sucumbisse à própria tentação do umbigo?

Talvez a rediviva nem precise da identidade cunhada antes da UTI. Não sei dizer. E nem sei se quero saber – talvez não, pouco importa.

O que importa é que a pintora voltou. Voltou atirando com as armas e as armaduras com as quais se tornou mestra entre pintores, pintoras e pintorxs. Exímia, fazendo pouco caso(?) dos anacronismos, das grisalhas, reiterando seu credo na pintura que, ontem como hoje, desdenha dos necrológios feitos pelas carpideiras (históricas, críticas e filosóficas) de plantão desde antes do século passado.

Ainda bem.

Afonso Medeiros

A PINTURA DE ROSANGELA BRITTO

Não estou interessado na volta da Rosangela Britto à pintura. Falar sobre a pessoa Rosangela é para mim difícil (e irrelevante), uma vez que minha relação se restringe ao profissional, bem, da profissional; basta avistar o Sistema Integrado de Museus (SIM) e o curso de museologia da UFPA (isso basta! Fora tantas outras questões). O que me chama a atenção é a sua pintura. Rosangela Britto aglutina a "boa pintora" e a "Pintora"; suas construções cromáticas dos anos 80/90 são da potência da pintora. Exercícios cheios de rigor e vigor. Sua geometria de movimentos satura o suporte de: obliquidades, curvas, riscos, texturas, pressões, tudo físico e existencial (mão, pensamento, desejo) uma explosão de cores sem sentimentalizar a cor, uma coagulação para baixo que sustenta a pintura e o assunto. Esses movimentos necessários à pintura estão presentes no domínio do procedimento e de sua assimilação, onde a técnica é esquecida para expressar a pintura.

A boa pintora está presente nas pinturas recentes. A aplicação da cozinha dentro de rigor sutil para favorecer o vigor colorista aberto ao horizonte da boa pintura onde a questão não é problematizar a pintura; e sim evidenciar o assunto dentro da própria pintura.

Rosangela Britto é um trânsito entre as possibilidades do pintar, pintura: "a boa pintora" e "pintora". É necessário muita força de potência, tempo, dedicação e amor. Beijo Rô.

Texto escrito no calor da emoção.

Estou emocionado, sou um pintor em tentativa e sei como é difícil pintar e expressar sentimentos pensamentos pela cor.

Tadeu Lobato

Rosângela Britto



Fotografia Ana Del Tabor

Artista Visual. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Artes e da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará. Doutora em Antropologia Social pela UFPA. Obras no acervo do Museu da Universidade Federal do Pará, no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, Museu de Arte da UNAMA, Museu de Arte do CCBEU e Coleção Amazoniana do Museu da UFPA.

Individuais

- 2023 **Cor: Corpos e Tempos** - Elf Galeria
- 1992 **Exposição individual** - Elf Galeria
- 1991 **Exposição Individual** - Pintura - ELF Galeria
- 1990 **Exposição Individual** - Espaço Morbach
- 1989 **Animais Amestrados** - Galeria Theodoro Braga
- 1987 **Exposição Individual** - Elf Galeria

Premiações

- 1988 **Prêmio Aquisição e revelação** – VII Arte Pará
- 1988 **Primeiro prêmio em Desenho** - Curitiba Arte 4 – IV Salão Acyr Ramalho Filho, Curitiba
- 1986 **Prêmio Centro Cultural Brasil-Estados Unidos** - Santos /SP.
- 1982 **III Semana de Arte Nazarena** – 1º lugar em pintura
- 1978 **1ºCRIARTE**- 1º Lugar em Pintura- Mosqueiro (Pa).

Mostras Coletivas

- 2020 **“Diálogos no Silêncio”** - Exposição virtual de Acervo-Candeeiro – Curadoria Heldilene Reali.
- 2019 **“Arte Pará 2019 - Malhas Afetivas- As Amazonas do Pará”** - Curadoria Nina Mattos, Museu da Universidade Federal do Pará
- 2019 **“Arte Pará 2019- Malhas Afetivas - Paes Loureiro 80 anos”** Curadoria: Orlando Maneschy, Museu do Estado do Pará.
- 2017 **“A Pintura Vai Bem Obrigado”**, Curadoria Armando Sobral no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas na sala Waldir Sarubbi, em Belém do Pará.
- 2016 **“Paisagem de Lance”** ocorrida na Sala Gratuliano Bibas no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas e como meio reflexivo do Grupo de Pesquisa Antropologia das Paisagens cadastrado no CNPq.
- 1993 **“Art in Paradise”** - Exposição Coletiva Itinerante - Miami, USA.

Contato

e-mail
rosangelamarquesbritto@gmail.com

instagram
[@rosangela.britto56](https://www.instagram.com/rosangela.britto56)

FICHA TÉCNICA / EXPOSIÇÃO

Curadoria **Marisa Mokarzel e Luena Müller Chaves**

Montagem **Luena Müller Chaves e Paulo José Alves**

Fotografia das obras **Octávio Cardoso**

Edição do Catálogo **Rosangela Britto**

Design gráfico **Ramiro Quaresma**

Ficha catalográfica **Larissa Silva**

FICHA TÉCNICA / VÍDEO

RASTROS DA COR EM ROSANGELA BRITTO

Artista **Rosangela Britto**

Pesquisa, roteiro e direção **Heldilene Reale**

Produção **Pryscilla Nunes Afonso e Natan Garcia**

Câmeras e still **Yasmin Alves e Victória Sampaio**

Som direto **Carolina Cutrim**

Assistente de fotografia **Beatriz Sena**

Edição e montagem **Espaço Cultural Candeeiro**

Banco de som **freesound.org**

Fotografias das obras **Octávio Cardoso**

Apoio **Elf Galeria**

Agradecimentos **Luena Müller, Marisa Mokarzel e Sr. Lili**

ELF Galeria

Av. José Malcher, Passagem Bolonha, 60.
Belém - Pará - Brasil

Contato

(91) 3351-8685

elfgaleria@gmail.com

<https://www.instagram.com/elf.galeria/>



PPG Artes
Programa de Pós-graduação
em Artes da **UFPA**



CURSO
ARTES VISUAIS
bacharelado • licenciatura
UFPA

ICA
INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA
ARTE UFPA



An abstract painting featuring a close-up of a face on the right side, rendered with thick, expressive brushstrokes in shades of pink, purple, and yellow. The background is a mix of warm orange and blue tones, with a vertical strip of light blue on the left. The overall style is gestural and textured.

Exposição

Cor : corpos e tempos

Rosangela Britto

ELF Galeria